

TERRA: A LUTA CONTINUA DEPOIS DE CONQUISTÁ-LA

Uma visão acerca do Assentamento Conquista da Liberdade

EARTH: THE FIGHT CONTINUES AFTER ACHIEVEMENT ITS

A vision about Settlement Achievement of Freedom

FERNANDA PEREZ ARAUJO

Curso de Geografia Bacharelado – Universidade Federal do Rio Grande

TÂNIA FERREIRA DA LUZ

Curso de Geografia Licenciatura – Universidade Federal do Rio Grande

Prof^a. MICHELLE RODRIGUES NÓBREGA

– Universidade Federal do Rio Grande

RESUMO

O presente artigo nasceu de uma visita ao Assentamento Conquista da Liberdade, localizado no município de Piratini (RS). Através de entrevistas e fotos feitas na ocasião, relatamos a luta dos trabalhadores rurais para permanecerem na terra que conquistaram, juntamente com a organização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), movimento este, que tornou possível que esta classe de trabalhadores tivesse voz na sociedade. Veremos, então, como o pessoal assentado nessa terra conseguiu obter um desenvolvimento sustentável, através da agricultura familiar e da fundação da Cooperativa Agropecuária Vista Alegre (COOPAVA). Por fim, salientamos a importância de pensarmos acerca da existência do MST, seu contexto e sua função na nossa sociedade, o qual esteve prestes a ser extinto este ano, no Estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Terra. Assentamento. Desenvolvimento sustentável. Agroecologia.

ABSTRACT

This article was born from a visit to the Settlement of Conquest Freedom, located in Piratini (RS). Through interviews and photos made at the time, describes the fight of rural workers to remain on land conquered that, together with the organization of the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), this movement, which made this class of workers who has voice in the society. We will see, then how the people seated in this land to obtain a sustainable development through the family farm and the foundation of the Cooperativa Agropecuária Vista Alegre (COOPAVA). Finally, we emphasize the importance of thinking about the MST, its context and its role in our society, which was about to be phased out this year in the state of Rio Grande do Sul.

Keywords: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Land. Settlement. Sustainable development. Agroecology.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo mostrar o desenvolvimento da agricultura familiar realizada no assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Conquista da Liberdade, localizado no município de Piratini, no Rio Grande do Sul (fig. 1). O mesmo caracteriza a possibilidade da reprodução familiar baseada em uma agricultura agroecológica sustentável, bem como a organização, estrutura e produção da Cooperativa Agropecuária Vista Alegre (COOPAVA). Junto a isto, relata toda a articulação que o movimento proporciona para que tal empreendimento alcance seus objetivos.

Através das narrativas dos moradores, podemos constatar como foi a luta pela posse da referida terra e, principalmente, como foi que, com a ajuda do movimento, os assentados puderam se mobilizar para obter sucesso na conquista, na manutenção e no desenvolvimento do assentamento.

Relataremos que, com objetivos traçados e bem elaborados, é possível o desenvolvimento das famílias e da terra conquistada. O Assentamento Conquista da Liberdade é considerado sustentável tanto na perspectiva ecológica quanto social. Para isto, relataremos um pouco da luta por este pedaço de terra. E como foi possível, após recebê-lo – através da ajuda dos órgãos públicos e entidades de apoio – realizar o desenvolvimento das famílias ali assentadas, além de mostrar como elas se mantêm e desenvolvem suas relações de trabalho.

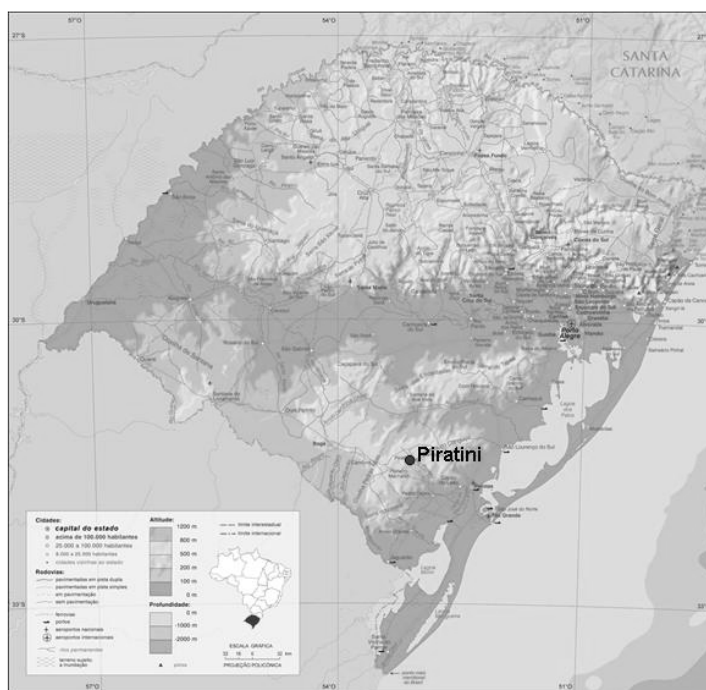


Figura 1: Localização do município de Piratini

Fonte: INSTITUTO... (2008)

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa operacionalizou-se viável através de uma saída de campo para o município de Piratini, em junho de 2008, onde foi possível conhecer o referido assentamento e alguns de seus moradores. Os dados, as falas e os históricos aqui expostos foram reconstituídos a partir das palestras, explanações e entrevistas ocorridas nesta ocasião. O procedimento metodológico utilizado foi história oral. O qual pode ser compreendido enquanto “[. . .] recuperação da memória individual e coletiva, para que sirva como documento para a reconstrução de uma época, um episódio ou acontecimentos significativos de interesse coletivo [. . .]” (MELLO, 2005, p. 65).

Considerando-se que:

A memória, sabemos, é um campo de lutas, de disputa simbólica. Não é um *locus* pacífico. Reinventamos nossas histórias cada vez que as contamos. Não se trata, portanto, de algo morto que já passou, coisa velha e embolorada. Nesses tempos de neoliberalismo, Eric Hobsbaw afirma que é preciso mais do que nunca, o papel ativo do historiador para lembrar a trajetória e a memória de resistência das classes populares (MELLO, 2005, p. 65).

Dentro da perspectiva mencionada acima, realizamos entrevistas abertas, visando compreender as seguintes questões: - Como pode ser caracterizado seu modo de produção? De que forma desenvolvem a agroecologia no assentamento? Como se articulam coletivamente as diferentes práticas agrícolas: familiar e cooperada?

2.1 Um breve histórico da posse da referida terra

A área de 1.238 hectares, onde hoje se encontra o assentamento, era de propriedade da Cicasul, a qual explorava os trabalhadores na produção – destinada à pecuária de corte e à fruticultura. Após decretar falência, a área ficou improdutiva e o montante de dívidas da empresa com o Banco do Brasil era superior ao valor da terra.

Em setembro de 1985, ocorreu a participação dos integrantes no primeiro acampamento, surgindo aí uma grande luta por direito a esta terra.

Quase todas as famílias que faziam parte desse acampamento vinham da região norte do Estado – arredores de Santa Maria. Depois de vários confrontos e de alguns integrantes terem morado cerca de três anos embaixo de lonas, mais precisamente, em fevereiro de 1992, houve o assentamento das famílias naquele local, o qual foi chamado de Conquista da Liberdade.

Segundo o módulo técnico, deveriam ser assentadas 35 famílias naquela área. O governo, para acelerar o processo de reforma agrária, queria que 85 famílias ali fossem fixadas. No final, 50 famílias foram beneficiadas com pedaços de terra. “A luta não parou quando conquistamos a terra” disse seu Telmo, referindo-se à luta de resistência para permanecer e produzir na terra.



Figura 3: Parte da infra-estrutura do assentamento

Atualmente, residem 48 famílias na área. Destas, 17 trabalham de forma coletiva, na Cooperativa Agropecuária Vista Alegre (COOPAVA). As outras 31 trabalham de forma individual, sob o modo de produção agrícola de agricultura familiar.

2.2 Formação da Cooperativa Agropecuária Vista Alegre – COOPAVA

Relataremos como foi formada esta cooperativa, o que é produzido e como se dá a sua distribuição, bem como as formas de comercialização dos produtos, a exploração da terra e os tipos de culturas que são desenvolvidas neste solo.

A cooperativa¹ só começou a funcionar no ano de 1995, dois anos após o assentamento. Sua criação ocorreu devido às dificuldades encontradas pelos assentados em manterem-se na terra. Para que este problema fosse contornado, decidiram criar a COOPAVA², mediante a união de 17 famílias (dentre o total de 48 famílias).

Estando o município de Piratini situado na Unidade de Relevo Sul-Rio-Grandense (formado por rochas pré-cambrianas), a sua localização geográfica do assentamento é característica de solos pouco férteis e profundos.

Neste assentamento as habitações são constituídas na forma de agrovila, onde cada moradia compreende um terreno de 20x40m².

Juridicamente, há um conselho organizado, desta forma, as decisões a respeito do que deve ser feito e das prioridades de execução são decididas na Assembléia Geral – a qual é a

¹ As cooperativas nasceram no século passado, como um instrumento de defesa dos agricultores contra o comerciante, sendo que este atuava como comprador e usuário, explorando os camponeses, levando-os à proletarização. Para evitar esta proletarização, as cooperativas nasceram no campo, operando no setor do crédito e da comercialização. Deste modo, elas tornaram-se um instrumento de defesa tanto para o pequeno, quanto para o grande produtor. (OLIVEIRA, 2007, p. 42) Mas, inscritas no devir histórico, são sempre possibilidades de transformação, “O cooperativismo que nós propomos a construir deve organizar e conscientizar a sua base pra contribuir na transformação da sociedade” (MOVIMENTO..., 1998, p. 11).

² É preciso lembrar que este assentamento, durante o final da década de 90, foi marcado pelo incentivo da política fundiária vigente na época, durante o governo Olívio Dutra. A qual se deu através do incentivo da aberturas de cooperativas, agroindústrias, oposição ao Banco de Terras, compra de terras para assentamentos, dentre outras características distintas hoje da política fundiária Federal. (DA ROS, 2007)

Instância Superior da Organização – por meio de uma votação, com a participação de todos os integrantes da COOPAVA. Assim, como se pode perceber, predomina o uso coletivo da terra, estando a terra ao domínio jurídico da COOPAVA e sendo todas as decisões – as quais envolvem desde o plantio até a comercialização – realizadas através de acordo coletivo.

A cooperativa possui uma administração coletiva, dividida em núcleos, onde dois deles são relativos à discussão de base (política social), externa e internamente, sendo que essa divisão se dá pela proximidade das residências.

A entrada de recursos é única, conforme a participação de trabalho. E toda a labuta é igual, não há uma distinção entre os tipos de trabalho (trabalho na terra, administrativo, etc.), ou seja, não existe hierarquia. Há o sistema de Banco de Horas, que fixa o valor da hora e o salário passa a ser proporcional ao número de horas trabalhadas diariamente.

O **planejamento** é redefinido anualmente no que tange às produções de leite e de frutas, como também para a subsistência. Porém, as questões estratégicas são verificadas como, por exemplo, a ocorrência da poda de árvores, onde são escolhidos os melhores meses e prioridade por onde começar.

Associações com escolas (ensino e pesquisa), bem como parcerias com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e universidades, acarretam melhorias na qualidade de vida dos assentados, além de aprimorar os conhecimentos e técnicas de cultivo e produção³.

Para seu Telmo, assentado e integrante da COOPAVA, a cooperativa define-se como “uma grande família, com culturas diferentes, idéias diferentes, mas unidos em um bem maior. A adesão é livre, fica quem quer”.

No que se refere aos tipos de produção desenvolvidos na cooperativa, podemos dizer que na mesma existem dois núcleos: animal, que abrange a criação de abelhas, peixes, aves, suínos, ovinos e bovinos de leite e de corte; e vegetal, na qual são cultivados produtos para alimentação (horta de legumes, verduras e frutas). Tudo é produzido com excedente, para que possa ser comercializado, além de consumido pelos próprios integrantes da cooperativa. Levando em consideração, também, a responsabilidade com o meio ambiente.

Os produtos são comercializados em Piratini, Pelotas, Rio Grande, Pinheiro Machado, dentre outros. Também há a comercialização em feiras e eventos aos quais o MST frequenta e organiza.

No núcleo animal há o gado leiteiro (das raças holandesas e Jersey), o qual permitiu a criação de uma agroindústria de leite no assentamento, responsável pelo armazenamento, pasteurização, embalagem e comercialização do leite. Além disso, já há um mercado consumidor deste produto que é diferenciado, por ser um leite ecológico. A demanda do leite industrializado varia de dois a três mil litros de leite por semana.

³ Segundo Altieri (1998, p. 7): “A agroecologia tem sido difundida na América Latina, e no Brasil em especial, como sendo exatamente este padrão técnico-agronômico (assentado em pesquisa científica, por certo) capaz de orientar as diferentes estratégias de desenvolvimento rural sustentável, avaliando as potencialidades dos sistemas agrícolas através de uma perspectiva social, econômica e ecológica”.



Local de ordenha da agroindústria leiteira



Integrantes da COOPAVA explicando os processos e a infra-estrutura



Máquina embaladora do leite Terra Livre



Local destinado aos bezerros e, ao fundo, edificação onde são realizados os processos de ordenha, armazenamento, pasteurização e de embalagem do leite

Figura 4: Imagens do assentamento

Para controlar as pragas nos rebanhos, são utilizados banhos à base de ervas medicinais (prática aprendida através da mediação com a Embrapa), na qual a cada semana, usa-se um tipo de erva e cada uma delas serve para evitar a propagação de uma praga específica. Esta troca semanal impede que as pragas tornem-se resistentes a um determinado tipo de erva.

É importante frisar que toda a produção do assentamento e da cooperativa, tanto animal como vegetal, é feita com base na agricultura ecológica, ou seja, utilizam técnicas de compostagem, adubos naturais e manejo de coberturas verdes, sem utilizar produtos químicos (pesticidas, agrotóxicos e adubos sintéticos). Materializando a preocupação e a responsabilidade para com o ambiente que os cerca. O tipo de cultivo e a área destinada a ele são definidos em reuniões.

Todos os produtos provenientes da COOPAVA recebem a marca “Terra Livre”.



Figura 5: Marca e logotipo da COOPAVA

Concordamos com Aued, Tavares e Miller (2005, p. 83) que nos diz o seguinte:

Nesse sentido, na COOPAVA a transitoriedade está na construção do homem coletivo e consciente. Trata-se da produção da vida solidária contra o individualismo, isso através do trabalho como ato consciente, onde os meios de trabalho se convertem em patrimônio comum.

2.3 Agricultura familiar no assentamento

As famílias que não fazem parte da cooperativa produzem sob o modo de **agricultura familiar**⁴, abarcando 31 famílias. Elucidaremos as relações de produção presentes neste assentamento, através dos relatos da família, composta por seu Eupídio e dona Feliciano, os quais faziam parte da COOPAVA, porém, há pouco tempo decidiu trabalhar individualmente.

No lote do casal, há uma grande horta, onde são produzidos diversos legumes e verduras, como abóbora, batata, beterraba, cenoura, alface, milho, milho de pipoca, feijão e outros grãos.

⁴ Segundo Oliveira (2007, p. 147): “Definia-se assim, na prática da produção econômica, uma distinção importante entre a agricultura tipicamente capitalista e a agricultura camponesa. Esta distinção abriu caminho para que, vários intelectuais do estudo do mundo agrário voltassem suas produções acadêmicas para forjarem um novo conceito de agricultura de pequeno porte voltada, parcial ou totalmente, para os mercados mundiais e/ou nacional, e integrada nas cadeias produtivas das empresas de processamento e/ou de exportação. Nascia assim, uma concepção neoliberal para interpretar esta agricultura de pequeno porte, a agricultura familiar. O neoliberalismo invadia desta forma, o mundo da intelectualidade. E, como se isso não bastasse, invadiu também o mundo dos movimentos sindicais e sociais do Brasil. Julgaram os neoliberais do estudo agrário que era preciso tentar sepultar a concepção da agricultura camponesa e com ela os próprios camponeses.”. Porém, utilizamos esse termo, uma vez que uma condição se impõem na sua caracterização: “[. . .] a atividade produtiva tomam por base a vinculação dos membros da família. Essa é a condição fundamental de sua distinção frente aos empresários agropecuários, gestores de fatores de produção cuja exploração se assenta no trabalho assalariado” (MOTTA, 2003, p. 24).



Amostra do que é produzido pelo casal.



Área plantada

Figura 6: Imagens da produção do casal Eupídio e Feliciano

O casal cria galinhas, bovino leiteiro e abelhas, sendo que os dois últimos são os maiores responsáveis pela fonte de renda da família, proveniente do mel, favo de mel, própolis e leite, que além de serem consumidos pelos agricultores, também são comercializados.

A preocupação com o meio ambiente é marcante, uma vez que o esgoto é tratado – de forma artesanal – e serve como adubo para determinadas plantas que filtram a água. Esta, por sua vez, serve para tornar o solo mais úmido e fértil. O processo de tratamento do esgoto foi planejado e executado pelo seu Eupídio. Ele recebeu ajuda de integrantes de algumas entidades para aprender um pouco mais sobre as formas, técnicas e procedimentos para se tratar o esgoto.

Além disso, o casal produz um fertilizante natural e o utilizam na própria plantação, bem como também elaboraram um minhocário, para tornar a terra mais fértil.

Uma **agricultura sustentável**⁵ é aquela que consegue manter uma menor dependência, usando recursos renováveis do local, acessíveis e que permite manter, em longo prazo, sua produtividade, preservando a diversidade e a cultura que dispõem em seu entorno. Além de produzir para o seu consumo interno, como também para a comercialização. Indissociada da sustentabilidade social.

⁵ Utilizamos o termo agricultura sustentável cunhado por (Costa Neto, 1999) devido a amplitude e complexidade que o mesmo reporta, abrangendo para além da sustentabilidade ecológica, evidenciando a sustentabilidade social. Nessa ótica, acreditamos que este assentamento inclua-se na perspectiva defendida por Gadotti (2000, p. 35): “A sustentabilidade que defendemos refere-se ao próprio **sentido** do que somos, de onde viemos e para onde vamos, como seres do sentido e doadores do sentido de tudo o que nos cerca.”



Processo de fermentação do fertilizante natural



Minhocário



Casal sobre o minhocário



Uma etapa do processo de tratamento do esgoto

Figura 7: Imagens da propriedade do casal Eupídio e Feliciano

Concluimos, então, que tanto as relações de produção familiar, quanto a agroindústria e a cooperativa permitem-nos afirmar que a sustentabilidade que vigora é para além da utilização da terra como meio de obter mercadorias e vendê-las e, assim coisificar o trabalho humano. Pelo contrário, a visão de sustentabilidade que o Assentamento Conquista da Liberdade nos ensina, é nas palavras de Altieri (1996, p. 131, adaptação nossa) que:

“A verdadeira sustentabilidade será [é] obtida quando os camponeses incrementarem[am] seu acesso a terra, aos recursos e a uma tecnologia apropriada para manejá-los adequadamente e se organizarem[am] para

assegurar o controle dos recursos, um justo acesso aos mercados de insumos e produtos e rendimentos dignos derivados de suas colheitas”.

3 CONCLUSÕES

O trabalho do MST, desde sua articulação para a luta pela posse da referida terra, até depois da conquista do assentamento, foi de suma importância em todo o contexto da história aqui narrada.

Foi através da união da força de todos que ali estavam empenhados para que tal empreendimento fosse adiante e pudesse ser concretizado em benefício de um bem maior que não se baseia só na conquista da terra. Mas sim, em mantê-la produtiva com uma boa auto-sustentação para todos que ali residem e que daquela terra têm total dependência de sobrevivência.

Foi importante salientar a forma como esta agricultura está sendo feita e como está reproduzindo-se e gerando, além do sustento para cada família que ali reside, o excedente para que possam manter-se e levar adiante sua produtividade para o consumo externo.

Aprendemos como é possível e viável tirarmos o sustento da terra sem degradá-la, através de uma agricultura totalmente baseada e gerada de forma a tirar os recursos do solo, mas preservando-o e renovando-o para futuras e promissoras culturas.

Como atualmente a agricultura ecológica está cada vez mais em alta, pensamos que este assentamento tem tudo para dar certo, já tendo colocado a base para que isto ocorra e seja desenvolvido e ampliado cada vez mais. Já que, em todos com quem falamos, vimos um engajamento para que tenham um futuro com uma sustentabilidade total em tudo que lá é produzido.

Também achamos de suma importância relatar o trabalho realizado pelo MST que, através das diversas parcerias, consegue desenvolver todo este trabalho no assentamento. Além disso, continua com a luta para que novos assentamentos sejam realizados.

Em maio de 2008, o Conselho de Promotores do Rio Grande do Sul pediu a extinção do MST. Esta nova visão do movimento é muito proveitosa, uma vez que mostra os benefícios que ele trouxe na vida de diversas pessoas, as quais fazem parte deste assentamento.

E, para ressaltar, é através dos movimentos sociais que as classes menos privilegiadas conseguem com que suas “vozes” sejam ouvidas, tanto em um passado não muito distante, como na atualidade. Onde algumas de suas lutas conseguem e/ou conseguiram conquistar seus objetivos, permitindo para uma parte da população uma vida menos desigual e mais justa para todos.

Atualmente, a agricultura calcada nas práticas agroecológicas está cada vez mais em voga, portando, acredita-se que este lugar tem possibilidades de concretização desta natureza agrícola. Podendo, inclusive, servir de modelo para inspiração de novas conquistas e novos desenvolvimentos. Como discussão, propõe-se instigar os leitores do referido artigo, que se questione sobre a importância do MST. Uma vez que, em maio do decorrente ano, houve toda uma articulação por parte dos promotores do nosso Estado, buscando a extinção do movimento. Portanto, busca-se proporcionar outro enfoque sobre o movimento e como é de suma importância a sua permanência. Pode-se ressaltar, sobretudo, que é através dos movimentos sociais que os menos privilegiados podem ser ouvidos e notados, fazendo com que uma parte da população tenha como lutar por uma vida menos desigual e mais justa. Enfim, essa pesquisa permite questionarmos que o estudo de caso do assentamento aqui em voga traduz práticas agroecológicas, as quais talvez nos respondam hoje o rumo da sustentabilidade que devíamos fortalecer a construção. Em outras palavras, que reinvente um modo de produção que permita a emancipação humana.

Pensamos que este assentamento fortalece a reforma agrária concomitante com a agricultura sustentável. De outro lado, apontamos que são necessários estudos das relações de produção em outros assentamentos, para solidificarmos nossos argumentos, uma vez que o Rio Grande do Sul, no Governo Olívio Dutra, fez da questão agrária, uma política fundiária direcionada à realidade concreta.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

_____. Una Perspectiva Agroecológica para Orientar los Programas de Educación de Postgrado en Economía Agrícola y Desarrollo Rural en la América Latina del siglo XXI. *In*: ROMANO, Jorge; WESSEL, Eykman (Org.) **La Postgraduación en Economía y Políticas Agrícolas y Desarrollo Rural**: currícula y perfil profesional. Río de Janeiro: REDCAPA: EDUR, 1996.

AUED, Idaeto Malvezzi; MULLER, Miguel Matias Utzig; TAVARES, João Claudino. Os Elementos da Construção do Espaço Transitório na COOPAVA. **Revista Discente Expressões Geográficas**, Florianópolis, n. 01, p. 72-85, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed01/artigo05.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2008.

COSTA NETO, Canrobert. Agricultura sustentável, Tecnologias e Sociedade. *In*: COSTA, Luis Flávio Carvalho *et al.* (Org.) **Mundo Rural e Tempo Presente**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

DA ROS, César Augusto. A Política Fundiária do Governo Olívio Dutra no Rio Grande do Sul – Brasil (1999-2002): diretrizes, dinâmica política e resultados atingidos. **Mundo Agrário: Revista de Estudios Rurales**, v. 8, n. 15, jun./dez. 2007. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/845/84501501.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mapas Físicos**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/mapas_ibge/fis_regionais.php>. Acesso em: 10 nov. 2008.

MELLO, Marco. **Pesquisa Participante e Educação Popular: da intenção ao gesto**. Porto Alegre: Ísis, 2005.

MOTTA, Márcia (Org.). **Dicionário da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Sistema Cooperativista dos Assentados**. Caderno de Cooperação Agrícola, São Paulo, n. 5, 1998.

OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Ed. Labor, 2007. Disponível em:
<http://www.fflch.usp.br/dg/gesp/baixar/livro_aviovaldo.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2008.